



Os ditos da semana



Jogadoras hipnotisadas

Nos casinos franceses descobriu-se agora que ha certas damas que vão jogar hipnotisadas por astrologos, laquies, feiticeiros e adivinhos. Eles dizem-lhes:

—Vai, joga e ganha.

E elas vão, jogam e ganham.

Assustados, os sindicatos do jogo pedem providencias ao governo, e indignam-se com o absurdo de haver pessoas tão estupidas que acreditam tão famosas patranhas. Acham elles que se trata duma superstição estúpida, mas queixam-se, naturalmente porque tambem acreditam e, acreditando, são tão estupidos como os jogadores que lhes levam as bancas á gloria.

Só os jogadores que perdem não se lembraram nunca de pedir providencias ao governo contra os banqueiros que lhes ganham o dinheiro.

E que ha-de fazer o governo? Ninguem atina com o remedio.

Só ha um recurso: é os banqueiros hipnotisarem por sua vez os jogadores e dizerem-lhes:

—Vão, joguem e percam.

E se elles não perderem, ou fecham as batotas ou os banqueiros se suicidam.

E talvez assim fiquemos todos a ganhar.

A febre

O sabio professor Ricardo Jorge, publicou um artigo para tranquilisar os espiritos, destazendo o boato de que graçava em Lisboa a febre amarela, a colera ou a peste bubonica, porque os boatos tanto diziam uma coisa como outra.

Ha pessoas que, não tendo meio certo de vida, se entretem a brincar com a morte. Para esses, quanto mais mortos mais direita lhe corre a vida.

Mis veiu o professor Ricardo Jorge e socegou-nos: Não e colera, nem febre amarela, nem peste bubonica: é simplicissimamente a febre ictero-hemorrhagica. E agente respira.

—Apre! Que susto que eu tinha apanhado. E' só a febre ictero hemorrhagica!

Dá febre a 40 graus, dores violentas, nervosas, musculares, osseas, pela cabeça, costas e membros e as pessoas ficam amarelas como se fossem pintadas a oca, á moda dos quartels. E depois morre-se.

—Safa! Que alivio! Não e colera ..

Confusão de sexos

Chega-nos de Nova-York o seguinte telegrama que nos parece muito extraordinario:

Casamento de milionarios

NOVA YORK, 10.—Anuncia-o casamento de Miss Muriel Moz. Corrick, uma das riquissimas herdeiras americanas e neta de Rockefeller, com o banqueiro Elisha Hubbard.—(Havac).

Ou nós nos enganamos muito, ou aqui ha uma confusão de sexos. Então o noivo é que é Elisha? E a noiva chama-se Muriel, como qualquer machacaz que se chamasse Ratael, Manoel, ou Gabriel?

Como é que este infeliz casal de riquissimos milionarios ha-de dar ordem á sua vida? Como hão-de saber o logar que compete a cada um? Quem é que tem direito á direita? Quem é que vai para

o escritorio? Quem é que pinta a boca? Quem é que tem os meninos? Elisha ou Muriel?

A sorte dos Pereiras

Apareceu em Londres uma fortuna fabulosa que será entregue, como os achados que vão parar ao «Diario de Noticias» a quem provar pertencer-lhe.

O mais curioso é que, além de varios Aguilares, e outros nomes esquisitos de origem austriaca, indicam-se como bafejados por esta sorte grande de nova especie—os Pereiras portuguezes.

Agora é que tem justa applicação o dito portuguezissimo:—uma fortuna e peras.

Falta apurar quem são os Pereiras que apanharam a taluda, porque não queremos convencer-nos de que aquela

enorme riqueza, apesar de fabulosa, toque a todos os Pereiras.

E a proposito ocorre-nos um caso sucedido ha anos em Coimbra.

Apareceu na cidade do Mondego um brasileiro com fama de riquissimo, acompanhado duma riquissima filha. Não se falava senão na fortuna do Pereira, que assim se chamava etc. A rapaziada atirou-se de cabeça. Aquilo era um partido. Rica e bonita! Entre todos, um foi preferido e o namorado seguiu seus tramites. Os vencidos andavam de monco caído e o triunfador não cabia em si de contente. Passados poucos dias foi convidado a entrar em casa e começaram as conversas sobre a fortuna, sobre o Brazil, e sobre a familia.

No dia seguinte, porém, o feliz namorado já não tinha o mesmo ar triunfante de quem sentia a felicidade a bater á porta. E os rapazes começaram a inquirir, a querer saber o que tinha acontecido, que desgosto minava o infeliz. Ele negava-se a dar explicações, que não era nada, afirmava, mas andava cada vez mais triste, até que um dia lhe puzeram a questão:

—Então o Pereira afinal não era rico?

—Era e é. Tem duzentos contos.

—E então?

—Tem duzentos contos, mas tem quatrocentas filhas...

Parece que a namorada confidenciara que tinha mais dez manas em terras de Santa Cruz.

Assim, uma fortuna fabulosa, para os seis milhões de Pereiras que ha em Portugal, vem a dar catorze vintens e meio a cada herdeiro.

Não vale a pena...

DR. CUSTODIO CABEÇA



O dr. Custodio Cabeça, cabeça de cirurgia portugueza! Talento de mestre e operador. Como mestre não tem mãos a medir a atender doentes. Como operador até nas mãos tem cabeça.

sempre
fixe
Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas.	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeira.....	Ano:	34\$00

N. B.—O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que se mandam pelo pego e não se cobra.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

AGORA os títulos de revista-metem todos um viva:

Viva o Jazz!

Viva Portugal!

Será por o teatro estar morto que anda tudo aos vivas?

■ ■ ■

O Erico Braga nunca foi tão aplaudido, como no Concurso das Costureiras, do «Diário de Lisboa», realizado no Coliseu dos Recreios.

Nem por isso se admirou! Já está acostumado...

■ ■ ■

UM leitor do *Sempre Fixe*, escreve-nos perguntando porque motivo brincamos tanto com a falta de cabelo do Erico Braga, admirando-se de que ele, sendo jovem, bonito, simpático e elegante...etc... etc..., tivesse ficado calvo antes do tempo. O *Sempre Fixe*, que conta Erico Braga entre os seus amigos mais queridos, sendo por isso mesmo que continuamente o belisca, foi entrevistá-lo:

— Diga lá, sr. Erico, porque ficou sem cabelo?

— Oh, isso é uma história!

Dizendo isto, Erico Braga tirou da sua carteira de prata, um belo cigarro louro e perfumado. Rectificou a posição da gravata. Cofiou na nuca a existencia negra e lustrosa do pêlo alheio. Depois, tirou da algibeira do casaco o lenço, e limpou com ele o rosto pódarrozado, completamente imberbe, porque a *Gillette* já tinha trabalhado.

Finalmente, em voz *haut-parleurizada*, disse:

— Quando eu entrei para o teatro, entendí que devia apresentar-me, como Brummell nos salões da arqui-queza de Nanterre. Então, convidei um costureiro inglês, da Regent Picadilly, que ainda hoje veste o príncipe de Gales e os Duques de Connaught, a fazer-me uma casaca, que me desse a gravidade do marquês de Villemer, a excentricidade de Chevalier, e a elegancia de André de Fouquières, o chefe do protocolo do Eliseu.

— E então?

— O costureiro inglês fez-me, de facto, uma casaca impecavel, a melhor casaca de Inglaterra, mas levou-me couro... e cabelo. E foi por isso que fiquei descapillado!

(Convida-se o sr. dr. Julio Danças a fazer melhor).

■ ■ ■

ERICO Braga entrou no cabelheiro muito apodado. Sentou-se na cadeira e disse para o oficial:

— Corte-me o cabelo!

— Qual cabelo? — pergunta o fi-garo, muito admirado.

— Este, respondeu o inter... pedado!...

■ ■ ■

OUTRO leitor do *Sempre Fixe* pergunta-nos se Erico Braga não se ofende com as nossas piadas.

Não, senhor, não se ofende e por dois motivos:

— O primeiro porque é nosso amigo; o segundo porque não é peludo...

■ ■ ■

ERICO Braga, nas eleições da Rainha das Costureiras, realizada no Coliseu dos Recreios, sentiu-se a certa altura bastante fatigado, visto que os aplausos do publico, eram constantes, intensos e demorados.

A's sete horas da tarde, teve esta frase historica:

— Estou aqui pelos cabelos!...

■ ■ ■

O que mais impressionou Erico Braga, na festa das costureiras do Coliseu dos Recreios, foi o relógio «Cortébert», que cronometrava a duração dos aplausos.

O relógio tinha cabelo!

■ ■ ■

UMA costureirinha que tambem entrou no concurso do «Diário de

Lisboa», antes de aparecer no palco, foi perguntar ao nosso camarada Rogerio Perez, como devia levar os cabelos, para se apresentar em publico:

— Acho que a menina pode levar o cabelo caído... como usa o sr. Erico Braga.

■ ■ ■

SABEM os leitores qual o motivo que o Erico Braga mais admira?

— D. Sancho II, o capêlo!...

■ ■ ■

ERICO Braga — mais um traço da sua personalidade — não falha a uma corrida de couros.

E sabem o que ele aplaude com mais calor?

A apresentação dos carecas!...

■ ■ ■

MAIS outra, que provisoriamente é a ultima:

Erico Braga consegue agarrar sempre a oportunidade pelos cabelos, que é uma coisa por onde a oportunidade não o poderá nunca agarrar...

■ ■ ■

A *Perola da China* agradou. Não é a perola da China, é um negocio da China...

■ ■ ■

AMADEU do Vale concluiu uma farsa intitulada *Brasileira do Chiado*.

Terá a concorrência de café?...

■ ■ ■

ANUNCIA-SE uma fantasia intitulada *Nau Calrineta*. A peça, que é de autores conhecidos e vai ser desempenhada por uma companhia, deve agradar, não sendo, portanto, preciso deitar *sola de mólho para o outro dia ao janito*.

■ ■ ■

NA *Perola da China*, Samwell Diniz entra com um bigode vermelho, uma gravata vermelha e uma cabeleira tambem vermelha. E' uma linda *parure!*...

■ ■ ■

DOIS espectadores foram ver, pela centessima vez, o *Viva o Jazz*.

Diz um:

— Tu já reparaste que o Costinha nunca cresce! Está sempre do mesmo tamanho!

Responde o outro:

— Ora essa! Tu não ves que ele cresce para os lados!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

CARLOS LEAL



O mais popular actor de revista — popular porque o povo e estima, popular porque ele se faz ao gosto do publico. Um artista com muitos recursos de graça, e com grandes recursos de industria, a avaliar pela variedade de indumentaria que apresenta em todas as semanas das revistas e da vida. O Carlos Leal e está tudo dito...

A ESTRELA

Finalmente! A Julia Santos que tinha a mania do teatro, acaba de conseguir ser contratada como estrela duma Companhia de Revistas!

«Mademoiselle» Santos a quem as amigas começaram a chamar a «Estrela Santos», está contentíssima.

Ha muito que era esse o seu sonho predilecto e sabe Deus o que ela não fizera para o poder conseguir.

Uma vez indicaram-lhe um sujeito dizendo-lhe que ele já tinha colocado muita gente. A Julinha dirigiu-se a ele a pedir uma colocação, mas o homenzinho no teatro não colocava ninguém: era arramador do Tivoli!

Depois ofereceram-lhe uma vaga que ia haver num teatro. Mas nessa altura começou um violento alor e a «Estrela Santos» embirrava solenemente com as vagas de calor! Ainda não houve nada feito desta vez.

Mas enfim! Todas as dificuldades tinham sido removidas, e a menina Julia era finalmente Estrela.

Começaram os ensaios. Já dias antes o papá que não queria lá actrizes, em casa lhe tinha dado um ensaio de bofetada.

A mãe, porém, acudiu á deusa e o brutamontes deixou a rapariga...

Muito sofre uma mulher pela vida fóra! Razão tem a prima Estrela que diz que não ha melhor tempo na vida duma mulher que os primeiros vinte anos em que ela tem trinta!

Os ensaios prosseguem activamente. A nossa Julia a quem já três jornais chamaram *talentosa esperança*, e dois apelidaram de *futura gloria* da cena mundial, vai muito bem no seu papel, que é uma vegetariana.

É uma especie de papa vegetal...

Chegaram por fim, os ensaios de apuro.

A Julia está de ouvido apurado, mas com a atenção concentrada na sua unica preocupação de momento: As *toilettes* com que deslumbrará o publico na noite da sua estrela.

Os criticos estão interessadíssimos por ela. Por outro lado consta que a sua beleza e o bom gosto do empresario não são estranhos a sua ascensão...

Julia entende, pois: — e a mãe bem — que não pode ir para o palco vestida como qualquer cocote vulgar...

E é tal o seu interesse por esse assunto que não hesita em interromper o ensaio para perguntar alto e diante das colegas, ao empresario:

— O' Carlos! Eu no terceiro acto venho com vestido de baile? E no quarto?

Então o empresario, distraidamente, respondeu ante a companhia pasmada:

— O' filha! No quarto já sabes! O costume!

ANIBAL NAZARE



— Tomas um café?
— Deus me livre! Tenho que ir trabalhar, e se o tomasse perdia o sono.

Tac-Tac-Tac

Eu cá disse sempre: *Com um homem perdido ninguém se meta.* E ninguém se meta!

Eu, naquele dia, cheguei aos salões sumptuosos da redacção do *Sempre Fixe*, onde o Fernando Avil. estava dizendo a missa do rito siriano, de que o Pedro Boddallo é patriarca *in partibus*, e rompendo as minhas vestes místicas e o meu respeito, clamei em alta voz para o França que estava, de caquinho no olho, a pescar camarão:

— Não! Não e não!

Todos ficaram coctos e uma cadeira D. João V, tão arqueologica como o Gustavo Matos Sequeira caiu de espaldar para trás, deixando ver os interiores, que foi mesmo uma indecência que até o Felix ficou envergonhado.

O Pedro enguliu em seco, sacudiu os ombros num gesto elegante e avançou para mim:

— Mas não, o quê?

— Não. O concurso das parodias á quadra da nodosa no peito. «Quem ganhou verdadeiramente o premio fui eu.

«Na realidade, uma parodia é uma coisa, uma parafraze é outra e variações sobre o mesmo tema são tambem coisas diversas. Ora as quadras apontadas como dignas de premio não são parodias são parafreses.

A minha, sim. A minha era uma parodia. O Felix abanou que sim com a cabeça e o França perguntou, abesquinhado:

— Mas Você é do juri? Que direito tem Você de vir para aqui massar-nos com essas loás?

— Os meus legitimos direitos e o apreço em que eu tenho o vinho do Funil Górdo, do meu Totinha.

— Mas, afinal, intervieio um tanto agastado o Pedro, qual é a quadra que mandaste?

Compus discreto a cabeleira loira (que eu desde a vespera me

pintara em Clara Bow) e recitei, de pé atraz, assim:

«Tens uma nódia no peito
«De eu dormir no teu regaço;
«E eu, por via desse geito,
«Tenho colicas no baço».

Ora, isto é que é uma parodia e eu sei que, além disso, tem graça.

— Passem para cá a duzia de garrafas que me pertencem! gritei eu, erguendo violentamente os braços, como os oradores eloquentes quando estão dizendo asneiras.

A assistencia conservava-se num silencio respeitoso e, (como direi eu?) talvez um tanto ou quanto anfíbio.

Ora eu, como o discurso, que eu levava estudado, era assaz longo, tinha-o escrito no bolso.

Com os gestos sacudidos da oratoria alguns linguados haviam deitado a cabeça de fora.

O Pedro Boddallo havia mais de 10 minutos que não tirava os olhos do bolso em questão. Bruscamente, aproximou-se de mim e interpelou-me:

— Que é isso que tens no bolso?

— É a historia da minha quadra, balbuciei a medo.

O Pedro pregou-me uma formidável palmada nas costas e, voltando-se para os outros, soltou uma enorme gargalhada.

— Ora este ladrão não esteve aqui a fazer perder-nos tempo sem proveito!... Já sei o que isso é. Passa lá o recibo e vai levar a prosa á tipografia.

Foi uma risota geral. Eu não tive coragem para protestar, e, tendo entregue o relatorio na tipografia, avancei impavido para o Manzoni, que se executou com brando gesto.

CIRANO VELHOFAC

Distracção



— Nesta ultima viagem gostei muito de ver o Beaforo.
— Que tipo é...

Graça dos outros

— E que te disse o teu noivo quando lhe disseste que não possulas dote algum?

— Não sei... Nunca mais o vi...

— Parece-te... Sem dinheiro... não se pode fazer nada...

— Ora deixa-te disso. Sem dinheiro, fazem-se dividas.

Um andaluz chega a Nova York e pouco se impressiona com a altura dos predios.

O americano que o acompanha vai indicando:

— Este edificio tem 182 metros de altura; aquele que você vê acolá tem 195, etc., etc.

O sevilhano finge que o caso lhe não interessa demasiadamente e responde:

— Não é nada de espantar... Em Sevilha é quasi a mesma coisa.

— Como assim? — volta o americano.

— Sim, sim. Aqui é em altura... Em Sevilha é em largura...

— Carregado de malas, vai embarcar com toda a certeza... Vai de licença.

— Vou...

— Por muito tempo?

— Por um mês... O meu amigo Daniel convidou-me para passar dois dias lá na quinta.

— Anda. Apresenta-me a tua mulher por que eu não a conheço ainda.

— Quem dera que eu pudesse dizer a mesma coisa.

— Não sentes nada?... Tens bom apetite?... Dormes como um justo... Diabo... E que diz o teu medico?

Ele — Porque não pintas já as unhas de vermelho, como dantes?
Ela — Porque tenho medo de me enganar quando como camarões...

Na praia.
O pescador — Mas a senhora não viu o lebreiro que dizia: *Cuidado com a pintura*, para assim se sujar dessa maneira?

Ela — Vi, mas julgava que era o nome do bote, onde me sentei...

— Tu tambem celebras hoje as tuas bódas de prata?

— Celebro. As minhas bódas de prata de devedor. Ha vinte e cinco anos que não pago ao alfaiate...

Ela: — Que levas aí?
Ele: — Pés insecticidas!
Ela: — Meu Deus! Não pensas em suicidar-te, pois não?

Passando um sujeito pela porta duma dama a quem dirigia a corte, cuspiu ela por acaso e o cuspo caiu na sobrecasaca do sujeito. Desculpando-se a dama, este replicou-lhe:

— Minha senhora, um pescador molha-se todo para colher qualquer peixito; logo, não é muito que, quem espera pescar tão bela truta, se molhe um pouco...

Ela — Estou farto de ti. Vou dar um tiro na cabeça!

Ela — Fui e que quisera, mas não despartes o nariz, senão dote cabo das tripas...

Elevador da Gloria

Numa estancia.
 — Dizem que estas aguas termais são excelentes para o estomago!
 — E' essa a minha opinião.
 — Você padece do estomago?
 — Não, mas sou o medico da estancia...

★ ★ ★

No consultorio.
 O medico — Tome uma colher deste remedio, mas agite o frasco antes de usar!
 O doente — Não é preciso. Eu vou para casa de automovel...

★ ★ ★

— Porque razão o Antunes tem um filho muito alto e dois muito baixos?
 — Porque os criou numa casa muito baixinha, que só tinha uma janela no teto.

★ ★ ★

O medico — E' preciso que coma só vegetais, que deixe de fumar e que não beta vinho. (Ao vér que o cliente se vai embora sem pagar a conta) — Esqueceu-se dos meus honorarios?
 O outro — Os seus honorarios? Para quê, se não penso em seguir o seu conselho...

★ ★ ★

O chauffeur — Sr. guarda, roubaram-me o automovel que aqui deixei!
 O policia — Teve muita sorte! Sendo apanhada agora uma multa por ter deixado aqui o carro abandonado...

★ ★ ★

Entre caçadores.
 — Acabo de comprar esta espingarda!
 — E onde vais agora?
 — Comprar coelhos. Amanhã vou à caça...

★ ★ ★

Num hotel da provincia:
 O criado — V. Ex.ª aqui está como se fosse em sua casa!
 O viajante — O quê? Tambem ha pulgas?!

★ ★ ★

O admirador — A senhora representa lindamente a comedia!
 A actriz — Não admira! Ha três anos que estou casada...

★ ★ ★

Ela — Outro vestido? Mas onde julgas tu que vou buscar o dinheiro?
 Ela — Não sei: não sou curiosa...

★ ★ ★

Na praia.
 — Sabes que a tua amiga Gertrudes bebe todas as manhãs um copo de agua do mar?
 — Sei. Naturalmente é para ter mais sal na conversação...

★ ★ ★

Entre dramaturgos de agora:
 — Ontem obtive um grande exito com o meu drama. O publico, em todos os finais de acto, chamou-me...
 — Excusas de dizer o que o publico te chamou...

★ ★ ★

— Papá, o que é um monologo?
 — Uma conversa entre marido e mulher.
 — E' verdade que leste um monologo?
 — Não, mas quando duas pessoas falam...

A "Prémière"

No teatro das Novidades estreava-se mais uma revista original dos mais fecundos escritores do genero. Naquella noite havia na caixa do teatro um movimento desusado, gritaria, gente que entrava, gente que saia... A peça fóra montada com todo o carinho, ensaiada com todo o esmero. Era uma «première» de sensação aquella estreia.

Na sala todos os «habitués» das primeiras representações e alguns mais que, cheirando a sensacional não queriam deixar de assistir. A expectativa era grande e havia na sala rumores de barulho.

★ ★ ★

Sinfonia da orquestra e levantou o pano. Debaixo daquela expectativa começou a revista recebida friamente pelo publico. O primeiro numero passou, como passou o segundo. Ao terceiro houve aplausos muito escassos. No entanto a revista tinha condições de agrado, alguns ditos de espirito, muita piada daquella que até faz corar os marujos, mas que era a que estava resultando. Outros numeros vieram e apesar de ter qualidades não eram recebidos devidamente pela numerosa assistencia. E' que havia na peça um defeito grave. O desempenho. O desempenho era muito mau por parte de quasi todos os artistas. Apenas um ou outro se salvava. Os espectadores agora já pateavam ruidosamente os artistas pela má representação.

Enervados pelos insucessos, já todos os artistas representavam mal.

O publico que já brincava com os interpretes da revista, levava toda aquella brincadeira na melhor parodia. Succediam-se os numeros, as rabulas e umas melhores do que as outras lá iam.

Entra agora em cena um terceto alusivo á politica de momento. E' preciso informar que isto já se passou a mais de dez anos.

O terceto entrou e foi de todos o pior desempenhado. Nesta altura o publico que já começava a faltar-se da revista resolveu dar uma lição que ficasse de emenda aos artistas e num momento, entre todos, foi resolvido tirar um desferço e bater aos artistas. O terceto, entretanto, foi para dentro. O numero foi bisado acaloradamente para que os artistas voltassem á cena. Entre cenas os autores e artistas admiravam-se do exito, do numero. Voltou a exhibir-se o terceto e quando o publico se preparava já para tomar de assalto o palco, terminou o numero e voltaram os artistas para dentro. Os espectadores como não queriam perder a occasião de, aproveitar de algum modo o dinheirão do bilhete trisou o terceto.

— Tris, tris, pediam os espectadores.

Do palco todos se admiravam daquelle exito inconpreensivel.

— Tris, tris, repetia-se com calor, na sala.

Os artistas preparavam-se já para voltar á cena quando no palco entrou precipitadamente um amigo da empresa que avisou os artistas.

— Não voltem a representar. Olhem que o publico quer bater em vocês.

— O quê? — disse um dos artistas. Mas eles pedem tris!

— Pois sim. Mas é para os apanharem no palco.

— Então o melhor é não irmos. E não foram, ficando a revista por ali. Na sala, agora era a pateada que imperava. No palco reinava a desolação.

— Olha o que por lá vai, dizia um artista que tinha muito mais graça cá fora que no palco. Queriam então bater-nos. Do que nós escapámos.

— E' verdade, comentou o outro. Por um tris que nós não apanhámos uma data de pancada.

MANUEL DUQUE



— Com as minhas economias vou tomar um café.
 — De trépassos?
 — Não, um café com leite!

OS BARBEIROS

O meu barbeiro é um homem todo atirado ás bolas. E' vê-lo, com o apito na boca, a servir de juiz num campo de «foot-ball», onde a freguesia costuma ser fresca...

Quando vou tratar da rapadela de queixos tenho sempre a preocupação de não lhe falar no esferico, porque o lanho seria certo. E' caso é que o figaro não deixa de ser *leal*... ás vezes.

O pior de tudo, agora, é que foi descoberta uma conjura contra os barbeiros, á frente da qual se encontra *Madame Gillete*, uma senhora afinadissima na arte de epilatoria.

Gillete, que se ufana em conquistar os homens, reuniu, em sua casa, todas as *barbudas* de Lisboa e disse-lhes:

— Não queiram barbeiros em casa. Não vão ás lojas, porque trezandam a maçonaria. Agarem-se a mim, ponham o pensamento no *Barral* ou no *Migyna* das iscas, e ficaveis limpinhas na face, onde o beijo se pede e dá-se...

Uma conspiradora, de cabelinho na venta:

— Os homens todavia...

A chefe atalhando:
 — ... que facam o mesmo. O tempo agora mudou. Estamos na época das inversões. O verão mudou para o inverno; a mulher passou para o sexo forte...

— ... e o homem?

— Para o sexo fraco, que até arremelga o olho.

Outra conjurada:
 — Mas, senhora persistente, e os barbeiros como passarão a ganhar a vida?

— Dando á lingua, como as mulheres. Estão no seu papel. Que se governem com a cabeça dos fregueses.

Eu, é claro, depois de ter descoberto argutamente a conspiração, vou deixar de pôr a cara nas mãos do meu barbeiro. Vai a cabeceinha para a limpeza e já é, *lealmente*, um grande negocio...

De momento, passo a *Gillete* no meu quarto que é um consolo, quando ela, com a birra, ou com os nervos, não me fere. Eu dou-lhe de sabonete, dou-lhe valentemente de pincel nos queixos, vér os ingleses a 50 milhas de Oitmas, a maldita, por vezes, faz-me taca... E de tal sorte que perdi o conto aos cortes...

Ora, pois, é assim mesmo, *leal* barbeiro dos meus torturados pensamentos. Nem com *bolas*, nem com conversas lá me viro ao Norte, cuja rua me tem feito perder muitos cabelos. Livra!

IVINHO



— E' uma mulher que não perde o tempo a servir galinhão.
 — E' portanto uma indifferente...
 — Não, é surda.

Cacharolete

Ando todo entusiasmado com as grandes eleições que o «Diário de Lisboa» promove nas povoações, entre as nossas costureiras, arcaicas e ladinas para a escolha de Rainhas nacional e cidadinas.

Desde Coimbra a Vizeu, de Faro a Vila Real, anda tudo numa fona eno-me, fenomenal. As tesouras e agulhas, dedais e carros de linhas, tudo está num polvorós, só por causa das Rainhas.

Domingo, no Coliseu, não cabia um alfinete, e até a policia civica apareceu de capacete. Entre tanta rapariga, egraçada, honesta e boa escolheram a Judite p'ra Rainha de Lisboa.

E em vinte, lá no Estoril, a festa é sensacional, para eleger a Rainha de todo esse Portugal. Mas quando eu vi que os do júri não são parvos, nem são tontos, foi ao saber que as escolhas são todas feitas... aos «pontos»...

O HOMEM DOS TIMBALES

Novíssimo fado da Severa

feito depois da Severa se mudar para o Conde Redondo.

Tenho o Destino marcado de aturar sempre jarretas! O meu valente chalado, viver do teu ordenado, depois passar-te as palhetas!

O Luciano Cordeiro, és um sitlo tão soturno! Se o «gajo» trazer dinheiro dá abraço o candeeiro e beijo o guarda-nocturno!

Tenho em meu leito de pau, um degrau, muito bem feito Tem cuidado, meu marau, se não sóbes com geito, calas de queixos no degrau!

PATO MARRECO

Um pandego trocista, encontrando-se á vista com certo afreguezado ferrador, disse-lhe á queima-roupa: — «Você, que nunca na poupa, diga-me lá, seu Zé, se faz favor, qual será o animal quadrupedante, em seu imaginar mais facil de ferrar por traz ou por deante?» — O ferrador, que em lérias nunca foi, retruca prontamente — sem ter cataratas: — «Deve ser o bol; o bol é resignado, é paciente, temha duas ou tenha quatro patas...» — «Eugano!... afirma-lhe o outro rudemente»

E segue a discussão, porque sim, porque não, até que o ferrador, muito senhor da sua profissão, atalha sem mais que: — «Você, que andou pela escolas a estudar, bem sabe o que aprendeu; mas ca neste negocio de ferrar quem dá cartas sou eu: é o bol, é o bol três vezes o bol!...» Responde o contendor, que á serra nunca foi: — «Que me desculpe o mestre ferrador, mas o bicho mais facil de ferrar é o cão... desde que haja engenho e arte. E não vale zangar, nem ficar com o ferro ardendo em brasa; o bol ferra-se aqui na sua casa e o cão ferra-se aí por toda a parte...»

ANTONIO AMARGO.

Sortes grandes ?

é o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77

O meu amigo Hypolito

Rosto oval, olhos negros e pestanudos, farta cabeleira anelada penteada para traz, sempre bem barbeado, rescendendo a essencias caras, fato de jaquetão escuro de fino corte, luvas brancas, sapatos de verniz preto, ultima moda, e chapéu cinzento levemente inclinado sobre o apêndice auricular direito, tal era o tipo do meu amigo Hypolito.

Eis em poucas palavras o que vou contar.

O meu amigo Hypolito era o «az» das conquistas das Avenidas Novas; depois o seu campo de acção foi alargando e a sua fama foi correndo de boca em boca e chegou a ser conhecido em Lisboa como o mais formidável «Magriço» que nestes ultimos cem anos tem pisado este «jardim á beira-mar plantado».

Não havia papá ou mamã que não recomendasse á sua descendente: «Tem cautela com o Hypolito, filha, olha que ele prega-ta».

E era neste «prega-ta» que os papás faziam toda a força e punham o seu aviso.

O Hypolito, era, pois, na uns dez anos, o terror dos papás e o enlevo das meninas casadoiras. Era elegante, atraente, olhava com tanta melguioe e vomitava palavras tão doces!...

Até aos filhinhos pequenos, os papás lhes diziam que o Hypolito era... — calculem! — um verdadeiro Herodes.

Comia crianças! Que fama terrível gosava o Hypolito. Pobre amigo!

Vamos ao que importa. Por este tempo andava um indio, o cornaca Hambana, correndo o mundo com o seu elefante branco de rara intelligencia e que dava pelo nome de Jurupaio. Hambana encaihou com o seu Jurupaio no Coliseu dos Recreios e era com bastante gaudio e alegria que os petizinhos admiravam as habilidades deste ultimo.

Além da fama de que Jurupaio vinha precedido, o que mais atraia a população alfacinha, era o premio de mil libras esterlinas que Hambana oferecia a quem fosse

capaz de baixar a cauda ao elefante.

O paquiderme, no dizer dos entendidos, tinha mais força na cauda do que um porco no focinho.

Punham-lhe pesos na cauda, faziam da dita uma barra para exercicios acrobaticos e a cauda de Jurupaio mantinha-se sempre horizontal.

Maravilhoso, simplesmente maravilhoso! Até o proprio Constante Marin não conseguiu apanhar o premio que Hambana prometia.

Uma noite, porém, quando os espectadores presenciavam as ultimas gracilhas de Jurupaio, saltou para a arena um rapazinho fraco, enfezado, aparentando ter uns dezoito anos, que declarou que queria ganhar as mil libras baixando a cauda ao prodigioso animal.

As suas palavras foram acolhidas por uma gargalhada geral, e levantou-se grande celeuma. Pois quê? Um garoto daqueles, um enfezado, um verdadeiro feto queria conseguir o que homens herculeos, gigantescos não haviam conseguido?! Pura fantasia!

O menino enfezado chegou-se para o elefante e disse:

— Jurupaio, abaixa a cauda.

O elefante abanou as enormes orelhas e revirou a tromba como quem diz «estás como uma febre que até entortas a vista».

O raquitico tornou a intimar com voz forte:

— Abaixa a cauda, Jurupaio.

Jurupaio abriu a boca, mostrou mais os dentes e deu uma gargalhada.

Terceira intimação do adolescente de dezotto anos:

— Abaixa a cauda, Jurupaio, se não... chamo o Hypolito!

Um estrondoso «ah!» de admiração ecoou por todo o Coliseu.

O elefante meteu imediatamente o rabinho entre as pernas e fugindo a sete pés foi para a sua jaula tendo fechado a porta por dentro.

E foi devido á fama do meu amigo Hypolito que Hambana perdeu mil libras...

Noticias do dia

Haverá crime ?

Esta madrugada foi encontrado morto um individuo de identidade desconhecida, filho de uma das melhores familias do sul. O morto, aparentava sinais de que tinha levado toda a sua existencia a pedir dinheiro emprestado. Entrevistado por um nosso camarada, o morto conservou-se num mutismo enervante, nada tendo declarado. A policia tomou conta da occorrença, esperando-se apenas para começar as diligencias que o morto apresente a queixa. Calcula-se que o assassino, caso haja e se deixe prender, será capturado esta noite.

Cadastrados entregues ao governo

Pela policia foram entregues ao governo os cadastrados Paulo Bravo, Alberto Salgado, «O Ensonso» e Virgilio Baptista, para dar o destino que melhor lhes convier. O governo ficou muito penhorado pela oferta.

Consequencias da embriaguez

O provador de vinhos Jusué Bernardes, quando ontem regressava a casa vindo do seu emprego, devido ao seu manifestado estado de embriaguez, foi preso por um policia pouco mais ou menos de serviço que o levou para a esquadra proxima, onde pernottou. O Jusué Bernardes foi demittido do seu emprego por incapacidade.

Pelo necroterio

Cadaver reconhecido

Na Morgue o cadaver daquele individuo que ante-ontem morreu inopinadamente numas propriedades que parecem terem sido sua propriedade, foi ontem inhumado. O cadaver, que foi por todos os funcionarios da Morgue tratado com todo o carinho e respeito. Por esse motivo o cadaver escreveu ao director agradecendo reconhecidamente todas as gentilezas.

Tempo provavel para amanhã

Do Observatorio recebemos uma nota participando-nos que o boletim marcando o tempo provavel para amanhã, só nos poderá ser comunicado depois de amanhã.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



Ele: — Todos os dias contos e pagar! E bem pensados... dinheiro no Banco um dia... ba-se.

Ela: — Isso não importa! Temos o divorcio...

O «flirt» na cidade



ELA - Não, não, não a sua mão a sua voz. Como tenho bastante de men, poderemos ser felizes por algum tempo...

DESSPORTOS

MAIS UM!

Mais um Congresso da Federação Portuguesa de Foot-ball Association teve realização. Dele respigamos uns comentários graciosos, que sem intenção de ferir, antes só para sorrir, vamos a seguir, publicar.

Linhares de Campos—Padeço de uma aguda laringite... (De facto, o orador produziu um longuíssimo discurso, em ar verdadeiramente teatral).

Outra frase de **Linhares de Campos**—O sr. Director Fulano de Tal diz que não se borra por pequenas coisas. Borra. Borra-se muito.

(Prova-se, por consequência, que tudo aquilo não passou dum borão. Um borão negro, de mau aspecto).

Um dizer lírico de **Virgílio da Fonseca**—Grão de areia que rola...

(Interrupção do publico: que rola... oh rôla!)

Diz o sr. **Eduardo de Azevedo**— Encontro nestas contas uma rubrica *despesas de noite*...

(Em verdade, isto causou estranheza. A que despesas de noite se refeririam as contas?).

Ainda **Eduardo de Azevedo**— Foi atirada uma bomba para a Assembleia...

(Inquire-se: —quem foi o bombista?).

Palavras de **José Barbosa**— Os jogadores acostumados a um misero caldo...

(Como e que, com tão fraco passado os jogadores apresentam mais atletica compleição que o melilão dr. **José Barbosa**?).

Freduziram-se 131 discursos. Falou-se durante 9 horas. Quantas asneiras se teriam pronunciado em tanto discurso em tão longo tempo, sabido que nestas coisas de desporto as asneiras são directamente proporcionais ao tempo que se fala?

JONICA

Prosa de Cha-veiro

Anunciou um jornal da manhã que em Espanha haviam sido proibidas as «tientas». Devemos informar os «aficionados» que não ha motivo para sustos. As «tientas», que representam a prova mais necessaria e indispensavel para o apuramento da raça brava, não foram nem podiam ser proibidas. Proibidas foram, sim, as «capeas» isto é as festividades taurinas nas aldeias, em praças improvisadas e com improvisados toureiros causando desmoralizamentos desastrosos e a morte de alguns «artistas».

Como os leitores estão vendo, são duas coisas bem diferentes, a «tienta» e a «capea», mais diferente ainda que o maracá do gimnasio...

Outro jornal da manhã, e a proposito do tragico fim dum simpatico ganadero, explicava que a sua ganaderia era da marca **Parlade**, como se a casta fosse uma marca á maneira da marca **Galo** ou de outras marcas semelhantes.

Falando-se do ferro da ganaderia ainda se compreendia falar-se da marca, mas tratada-se da casta devemos conceber a **marca**.

Domingo Ortega, o toureiro da actualidade que para muitos é apenas «El Paló de Borex», vai casar com Miss Espana, castellana de Manzanares como ele o é de Toledo e constituindo ambos proporcionado matrimonio por de dois soberanos se tratar. Nós, pelo menos, assim consideramos **Domingo Ortega**, o rei do toureiro sem perda de acertarmos **Manolito Bienvenida** como «El Principe del toro». E embora actualmente não sejamos subditos de toureiro algum, continuamos acatando o de Borex, artista tão grande que nem lhe faltam fracassos como o de San Sebastian, tal como acontecia a Belmonte.

E publicamente declaramos preferir ver Ortega só, com seis touros, a sofrer os quatro melhores toureiros com oito touros, como recentemente nos aconteceu em Mérida numa corrida que foi autentica Mérida...

HERNANDEZ LA CHATSE

Grupo "Sempre Fixe"

Constituiu-se um grupo de rapazes intitulado «Sempre Fixe», que fez a sua primeira excursão de aut-movel, tendo percorrido os quatro cantinhos de Portugal—Obidos, Caldas, Alcobaca, Estarreja, Leiria, Figueira, Coimbra, Santarem e todos os mais pontos interemedios, 750 quilómetros andaram eles, ou melhor, o aut-movel porque os rapazes, apesar de valentes, não teriam pernas para tanto.

Na vespera do partido, estiveram na nossa redacção á hora a que o «Sempre Fixe» se reunia para delaxrem dez escudos para os nossos pobres, que fazem votos porque estes passeios se repitam.



—110 quilos, sim, senhor?
—Então tenha paciência: o concurso não é a péso.

A DANÇA APACHE



1.º—Iniciamos a dança. 2.º—Primeira volta... 3.º—Primeira volta... 4.º—Primeira volta... 5.º—Primeira volta... 6.º—Homem, você quer acabar com ela? E' simples. Eu trato disso. 7.º—Pronto. Acabou-se...

A retalho...

Portugal, terra de liricos...

Um Modesto qualquer, da vila de Lafra, fez publicar num quinzenario provinciano varios e curiosos «sonetos, dos quais transcrevemos, com a devida venia, algumas passagens.

De um, dedicado ao novo administrador do concelho:

«Be' vindo sê, inedito cidadão
Do povo um grande defensor,
A virtude vos serve de penhor
De justiceiro tendes o condão!»

O poeta irritado com os carrilhões de Lafra, que o não deixam sossegar:

«Ous do campanario no longe o bronzeo
som?

«na enda fatal! e triste do misterio,
de serna em serro e corre o hemisferio,
pebando a paz do lar auspicioso e bom!

«pode-vos fundir!... Sinos da muni-
cra!

«no mos tangeréis a força e o terror,
beixo o campanario e fora as vendilhões».

Final de um soneto dedicado a um amigo, caixeiro viajante, que veio a Lisboa:

«E' te saudô, lesto abncezagem
D' saudade! E que as palmas da victoria

«colhem tua proxima vingem!»

Primeira parte de um soneto de laço á instalação de luz electrica na casa de seus pais:

«Na densa escuridão, tu es a luz,
Que alumias nos astros tenebrosos;
Derrama-se sem usura, veste-a a flux
Em «centelhas de raios luminosos».

O ultimo «soneto» é dedicado aos que embirram com o «poeta» Modesto.

A sua parte final:

«O' voz que do Modesto desdenhais,
Bria e decôro onde os viste mais?»

Sabes?...

—Então já sabes o que me aconteceu?

—Eu não. E tu?

—Bem, muito obrigado. Conheces o «Ponci»?

—Não, mas tenho ouvido falar...

—Gracejas, imbecil! Não te lembras daquele rapaz louro, robusto, que toda a gente conhece?

—Não me lembro...

—Pois tu... E' fantastico! Um rapaz alto, sem chapéu, com óculos — uns óculos de aros de massa.

Mas-a? Não conheço!

—camisa clara, tês clara...

—Está claro!... O «Ponci»!

—Isso mesmo! Conheces?

—Não, não sei quem é...

—O' homem, conheces, com certeza! Aquele...

—Já sei!... Robusto, louro, alto, sem chapéu, com óculos — uns óculos com aros de massa...

—Exactamente! Conheces?

—Não tenho ideia nenhuma!

—E' um idiota!

—Idiota?... Idiota?!... Ná, não me lembro nada!

—Pois custa-me acreditar que não conheças o maior aldrabão?!

—Aldrabão? Não digas mais! O «Ponci» aldrabão! Já sei! O «Ponci» aldrabão... Podias ter dito que era esse!

—Pois é mesmo! Conheces, não é verdade?

—Clarissimo! Toda a gente conhece!

—Pois, graças a Deus, o que não conheces?

—Não conheço o «Ponci» aldrabão!!!

BASTI.

ECOS DA SEMANA

QUEM SERÁ A FELIZARDA? DEPOIS O QUE LHE DESEJAMOS É UM BOM RAPAZ E MUITOS MENINOS.

O MARIDO...
UM PONTO
DE INTER-
ROGAÇÃO.



...TRABALHINHO COM
FARTURA



...UMA VIDA MODES-
TA E SÁ.



O PARECEMAL DORME
DE CONVENCIDO.

O PIU DORME DE
DERRETIDO



CORAGEM RAPARIGAS E "SEMPRE FIXES" ATÉ AO FIM !!

O MODELO FOI UMA BAYONESA QUE PODIA SER
PORTUGUESA.

